

A Glória dos Livros

Um Guia para Educadores Domésticos

Por Suzanne U. Clark

Contra Mundum, No. 1, Outono de 1991

© 1991 Suzanne U. Clark

Quando estava na faculdade, li um livro que me deixou tão deprimida que o joguei contra a parede. Embora não fosse cristã naquela época, eu abrigava um lampejo de fé, mas a mensagem de futilidade do livro quase a dissipou. Fiquei furiosa com o autor por me conduzir por um caminho tão sombrio e com o professor (um ministro batista e professor de filosofia) que me indicou o livro. Como a música, a literatura é uma linguagem do espírito que permite voar em direção ao céu, cair de penhascos ou vagar pelos desertos. Apresentar as crianças aos livros é um grande e humilde dever. Porque os livros têm o poder de criar e o poder de destruir.

Que princípios devem guiar a seleção de livros no lar cristão? O Dr. Stewart Custer, professor de Bíblia na Universidade Bob Jones, identifica sete categorias de características censuráveis na literatura (de Home School Helper, [BJU Press](#), Vol. IV, 1989):

1. Uso de palavras
2. Realismo escatológico - relativo às funções excretoras
3. Perversão sexual - homossexualidade, adultério, fornicação
4. Realismo erótico - descrição explícita do amor sexual legítimo
5. Violência sinistra
6. Ocultismo
7. Falsas suposições filosóficas ou religiosas - o maior perigo, entretanto, o mais negligenciado, de todos os elementos censuráveis.

Tudo isso aparece na Bíblia, de modo que, se as proibirmos nos livros que nossos filhos leem, diz Custer, teríamos que proibir a Palavra de Deus:

Certamente, nenhum cristão deve ter prazer em ler material que o afaste da santidade pessoal; mas nenhum cristão deve isolar a si mesmo ou a seus alunos desnecessariamente da literatura digna simplesmente porque contém material ofensivo. A própria Escritura inclui exemplos notáveis de cada tipo de elementos censuráveis.

Em vez de evitar todos os elementos ofensivos, Custer sugere que o professor aplique um teste triplo para determinar a adequação:

1. Gratuidade - O material censurável em questão serve a um propósito ou existe por si mesmo?
2. Explicidade - o material, mesmo que não seja gratuito, é mais detalhado do que o propósito exige?
3. Tom Moral - Toda a obra aprova ou desaprova o mal apresentado? O leitor é atraído ou repellido pelo pecado?

Uma ferramenta avaliativa final é a prática da “inoculação moral”. Com base no nível de maturidade do aluno, o professor deve gradualmente e em pequenas doses introduzir obras literárias com elementos censuráveis "de modo a inocular o aluno contra o que elas se referem."

Um aspecto adicional que incluiria é a consideração do espírito do trabalho, algo completamente separado de qualquer apreensão cognitiva, como meus filhos demonstraram mais de uma vez. Depois de assistir *The Never-Ending Story*, eles disseram que se sentiram engraçados sobre isso, que o espírito do filme era estranho e não de Deus. Minha filha ocasionalmente traz um livro inacabado do quarto dizendo que algo não está certo e ela não quer continuar lendo. Experimentar os espíritos, como a Escritura ordena, é um princípio literário sólido para o leitor cristão.

No caso de crianças pequenas, os pais devem fazer o teste para eles, visualizando qualquer biblioteca ou livro de aniversário antes de ir para a prateleira em casa. Aqui, não estou falando apenas de livros sobre fantasmas e bruxas, mas livros que mostram as mulheres principalmente como médicas e advogadas em vez de mães, que transmitem acriticamente atitudes de desrespeito em relação aos pais e irmãos, que defendem a cooperação grupal acima da integridade individual, que elevam os sentimentos pessoais e a autoestima ao status divino. Estas são as doutrinas mais sutis do humanismo que são tão amplamente disseminadas em toda a nossa cultura a ponto de serem inquestionáveis; na verdade, a familiaridade com tais ideias as tornou invisíveis. Mas os pais cristãos devem estar atentos aos enganos mundanos e se opor a eles para ver seus filhos transformados.

Ao selecionar livros, listas obtidas de fontes respeitáveis podem ser valiosas. Você como pai, é claro, terá que exercer discernimento. Muitas escolas particulares, tanto cristãs quanto não-cristãs, publicam uma lista para alunos do ensino fundamental e médio. O departamento de inglês de uma boa faculdade cristã pode fornecer títulos de livros para estudantes do ensino médio. Você pode conhecer um professor de escola pública da “velha” escola (tradicional) que poderia sugerir obras literárias testadas pelo tempo para seu filho. Livros sobre livros, como *Honey for a Child 's Heart*, de Gladys Hunt, e *Children Love*, de Elizabeth Wilson, valem muito a pena. Um espaço de leitura em nossa área, para o qual os alunos do ensino domiciliar se reúnem, é o *Book Place*, um enorme armazém de livros novos e usados com uma parede inteira dedicada a clássicos e biografias mais antigas.

Os benefícios da literatura são frequentemente catalogados pelos professores - coisas como estudo de caráter, experiência vicária¹, desenvolvimento de vocabulário etc. - mas a vantagem mais óbvia é estranhamente negligenciada. A literatura dá prazer, puro e simples. As dimensões do prazer são variadas, começando com as próprias palavras. Minha frase favorita é de Beatrix Potter *História da Sra. Tittlemouse*: "Ela embrulhou a aranha e a jogou pela janela." O que é mais delicioso do que a perfeição

¹ Aprendizagem vicária é um tipo de aprendizado derivado de fontes indiretas, como observação, em vez de instrução direta. (N.Trad).

do *embrulho*? (A menos que seja o guincho rabugento de *Babbitty Bumble*.) “*Peep squonk*” também é maravilhoso; esse barulho encantador ocorre em *The Little Duck*, um livro da Random House. Leia para seus filhos e peça que eles leiam para você e uns para os outros. A melhor parte da boa literatura é a sua música. O poeta inglês Dylan Thomas disse no *Manifesto Poético* que quando criança ele se apaixonou por palavras, mas não pelo que elas simbolizavam ou significavam:

... O que importava era o *som* deles quando os ouvi pela primeira vez nos lábios dos adultos remotos e incompreensíveis que pareciam, por alguma razão, estar vivendo em meu mundo. E essas palavras eram, para mim, como as notas dos sinos, os sons dos instrumentos musicais, os ruídos do vento, do mar e da chuva, o barulho dos carrinhos de leite, o bater de cascos em paralelepípedos, o dedilhar de galhos em uma vidraça, poderia ser para alguém, surdo desde o nascimento, que milagrosamente encontrou sua audição.

Deleitar-se na linguagem é ficar encantado com seu poder. “Se eu leio um livro”, escreveu Emily Dickinson, “e ele faz todo o meu corpo tão frio que nenhum fogo pode me aquecer, eu sei que isso é poesia. Se eu me sinto fisicamente como se o topo da minha cabeça tivesse sido arrancado, eu sei que isso é poesia.” Penso em Jeremias, atormentado e insultado por seus oponentes, determinando que ele não falaria mais de Deus. “Mas a sua palavra estava no meu coração como um fogo ardente encerrado nos meus ossos; e eu estava cansado de ser tolerante, e não podia ficar.” Isso é poesia.

Há, com certeza, outros prazeres de leitura. Um personagem de um romance ou peça pode nos levar a um maior autoconhecimento ou nos permitir experimentar a vida de forma mais intensa e com uma compreensão mais profunda. Nas noites de verão, quando a luz púrpura do crepúsculo se espalha pelo meu gramado, as palavras de Keats muitas vezes vêm à mente: “É uma bela noite calma e livre.” Após o nascimento do meu primeiro filho, acompanhado por um período prolongado de depressão pós-parto, suspirei com Hamlet: “Quão cansados, obsoletos, planos e inúteis me parecem todos os usos deste mundo.” Mas então eu gostaria de lembrar a poesia de Jesus: “Todo aquele que bebe da água que eu lhe dou nunca terá sede; mas a água que eu lhe darei será nele uma fonte de água que jorra para a vida eterna.” Mais de uma vez eu tenho resistido à tentação com Christian ao caminhar pelas Feiras de Vaidade do meu próprio tempo, e eu compreendi melhor as crueldades e crimes dos quais eu li no jornal por causa do encontro com o malvado Weston na *Perelandra* de C.S. Lewis.

Ao considerar a literatura, o pai-educador cristão é finalmente levado a olhar para a questão mais ampla da própria arte em relação ao reino de Deus. Qual é a proposta da arte? Que tipo de arte glorifica a Deus? A melhor discussão dessas questões que posso recomendar é encontrada em um pequeno e importante livro do Dr. Francis Schaeffer, *Arte e Bíblia*. Ele usa as Escrituras para apontar que a arte representacional não é proibida pelos Dez Mandamentos, como alguns cristãos afirmam, mas sim a adoração das coisas criadas. Ele examina o tabernáculo e o templo como lugares cheios de arte celeste e terrena e todos santos, querubins e romãs. Ele observa que a arte não precisa ser utilitária: no templo são encontradas colunas independentes que não servem a nenhuma função arquitetônica, mas estão simplesmente lá para a beleza. Ele menciona que odes e poemas seculares são apresentados nas Escrituras; da mesma forma obras de arte seculares. Uma história deve ser escrita, uma escultura produzida como *obras de arte*, sustenta Schaeffer, não por algum motivo oculto. O impulso criativo é um reflexo da imagem divina no homem; a arte, portanto, tem valor (embora certamente nem todas as

obras de arte sejam aceitáveis). Um mundo cristão e uma visão de vida inevitavelmente brilharão através das obras do artista comprometido com a fé bíblica.

Qual é o significado desses insights para os pais cristãos que praticam o ensino domiciliar? Por um lado, significa que os livros podem ser lidos e apreciados pelos vislumbres que proporcionam da verdadeira realidade. Rei Lear e Hester Prynne viveram através dos séculos porque eles são feitos à imagem de homens e mulheres: imperfeitos, mas concedida nobreza nascida do sofrimento. Como no mundo, assim também nos livros guia a Providência, lançando bênçãos e calamidades nos caminhos dos personagens para testá-los e, às vezes, redimi-los. Onde a visão do autor é defeituosa como ao contemplar um universo vazio ou malévolo, o pai pode aguçar os poderes de discernimento de seu filho, trazendo a verdade bíblica para lidar com as ideias encontradas em poemas e histórias. Finalmente, porque a arte é uma expressão do espírito, e o espírito do crente foi redimido, não há razão para que a criança cristã não possa voar. Os pais não devem temer nem desprezar a imaginação, mas devem valorizá-la como um presente magnífico que nos permite participar da atividade divina da criação. No lar onde Jesus é Senhor, os livros tornam-se escadas da mente sobre as quais os anjos sobem e descem trazendo palavras destinadas à glória.

Este artigo foi originalmente publicado em inglês e está disponível no seguinte endereço:
https://contra-mundum.org/index_htm_files/01_glory.pdf

© Contra-Mundum 1991-2023

Traduzido pelo Rev. Isaias Lobão Pereira Júnior para <http://www.contra-mundum.org>
18 de fevereiro de 2023

isaiaslobao@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-4879-4471>